



## ST10. EPISTEMOLOGIA, HISTORIOGRAFIA & LINGUAGENS

608

### A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO HUMANO E SOCIAL NO MARXISMO<sup>1</sup>

*Trícia Nunes Patrício de Araújo Lima<sup>2</sup>*

**Resumo:** A proposta deste texto é sistematizar uma discussão sobre o legado de Karl Marx e Friedrich Engels: como suas ideias e constatações ainda contribuem bastante para muitas ciências atualmente, principalmente a histórica, e também para a análise da realidade. Através da influência de Marx/Engels em Antonio Gramsci e Edward P. Thompson, ambos produziram dentro de uma linha marxista (humanista), e suas respectivas contribuições foram: o papel da consciência influenciando na atuação dos homens em seu tempo e da importância da história para que essa consciência venha à tona, lado a lado com a influência da cultura e dos intelectuais para isto; a perspectiva da "história vista de baixo", que contribuiu para que esses conceitos e teorias pregados por autores marxistas fossem seguidos e aproveitados para que se conte a história da perspectiva dos "anônimos".

**Palavras-chave:** História. Marxismo. Humanismo.

## INTRODUÇÃO

Tendo em mente a importância dos estudos de Karl Marx e Friedrich Engels para as ciências humanas, os mesmos, bem como dois de seus leitores (Antonio Gramsci e Edward P. Thompson), foram escolhidos para a elaboração de um estudo no qual procurou-se compreender suas respectivas concepções de história e como as mesmas influenciam os estudos da história enquanto conhecimento até hoje. Através de uma perspectiva marxista humanista e utilizando algumas das principais obras destes autores, em estudos e discussões conjuntos feitos na disciplina optativa de Tópicos Especiais em Teoria da História II (que teve como subtítulo "O Marxismo Humanista") do curso de licenciatura em História da UFPB, este trabalho foi proposto pela docente encarregada da disciplina. Ela nos propôs que tentássemos perceber os pontos em comum e as peculiaridades de cada autor, tendo em vista seus respectivos conceitos e

<sup>1</sup> Feito em coautoria com a professora adjunta do Departamento de História da UFPB, Regina Célia Gonçalves, doutora pela USP em História Econômica.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de licenciatura em História da UFPB.

opiniões acerca do conhecimento histórico e a importância do mesmo em suas respectivas épocas.

## MARX E A HISTÓRIA COMO FORMA DE SUPERAÇÃO DA ALIENAÇÃO E DO ESTRANHAMENTO

As obras de Marx e Engels partirão de leituras que farão dos economistas nacionalistas; inspiram-se em autores como Locke e Montesquieu, Kant e Hegel. Contudo, a obra traz algo inédito: como e a partir de que momento o trabalho começou a desumanizar o homem, em vez do mesmo realizar-se através deste trabalho.

Sua análise baseia-se no processo histórico real, ou seja, Marx/Engels explicam, com a ajuda da história, como se deu esse processo de "descontrole" do trabalho, quando o mesmo deixou de "pertencer" à classe que o executa: o proletariado. Inovará(ão) a dialética de Hegel, na qual o pensamento e a realidade influenciam-se mutuamente (na análise marxista, a realidade é o que determinará a consciência). Nos Estados alemães, que ainda não eram um Estado unificado, encontravam-se as condições favoráveis para a compreensão, o estudo e a execução deste processo histórico que foi estudado por eles, e da própria história enquanto ciência. Surgem lá com esses estudos, mesmo que de forma bastante inicial, os primeiros indícios que levariam ao posterior desenvolvimento do materialismo histórico e dialético marxista.

Os autores ultrapassam os limites desses economistas clássicos, percebem as brechas deixadas por seus argumentos e, por fim, mostram-nas e explicam-nas; esclarecem algo além da percepção de muitos, mesmo nos dias de hoje: o que é alienação e como se deu esse processo? O que é propriedade privada e como ela surgiu? Como haviam chegado a tamanho nível de desligamento entre o homem e o objeto resultante de seu trabalho? Para uma melhor compreensão do que a que se tinha até então, seriam necessários estudos mais profundos e explicações mais satisfatórias, além de recuar muito mais no tempo para compreender tais eventos; foram estas dúvidas e "por que's" que impulsionaram seus estudos.

Marx inicia em *Manuscritos econômico-filosóficos* (2004) a análise da história humana tendo como principal objetivo a compreensão e explicação de como se deu o processo de alienação do trabalho e suas consequências; em *A ideologia alemã* (MARX e ENGELS, 2007) nos esclarecem que esse processo teria se iniciado com o surgimento da propriedade privada.

Com a exteriorização do trabalho, o mesmo passa a ser obrigatório, não mais o instrumento de realização dos homens; passam a executá-lo para satisfazerem suas carências, em vez de usufruir verdadeiramente do que este mesmo trabalho deveria ser capaz de proporcionar. Durante a Revolução Industrial, devido às condições de vida e de trabalho, os trabalhadores acabam morrendo muito jovens, havendo sempre muitos outros para substituí-lo. O proletariado não tem acesso ao produto produzido, tampouco ao capital oriundo de sua venda; no sistema, o homem é visto como uma mercadoria, nele, o homem é desumanizado.

Uma das muitas consequências do estranhamento do trabalho passa a ser o estranhamento de si (não esquecendo o estranhamento em relação ao processo de produção e ao produto), ou seja, a relação do homem consigo mesmo. Estranhando a si, o homem passa a desconhecer também o seu local no mundo, afasta-se, também, de seu caminho para a auto-realização através do trabalho. Pouco a pouco, isto torna-se um ciclo sem fim, que tende apenas a piorar a situação do trabalhador e aumentar a lucratividade do capitalista.

Mas se o trabalho não pertence mais ao homem a quem pertence, então? Não aos deuses, nem à natureza, mas a outro homem (o capitalista burguês), que usufrui do que o trabalhador produz. "A *propriedade privada* resulta, portanto, por análise do conceito de *trabalho exteriorizado*, isto é, de *homem exteriorizado*, de trabalho estranhado, de vida estranhada, de homem *estranhado*" (MARX, 2004, p. 87).

A divisão do trabalho, inicialmente, passa a existir através de uma divisão "natural" (homem *versus* mulher); posteriormente entre material e espiritual (os que executam serviços braçais *versus* aqueles responsáveis por fazer a conexão entre os homens e os deuses). Surgem nesta época os cargos religiosos e a religião enquanto instituição organizada; essa divisão, ao longo da história da humanidade, resulta de um embate que nunca permitirá que as partes vivam e usufruam igualmente do produto do trabalho e do próprio trabalho. Esta seria a origem da propriedade privada, ela surge no seio da família e na relação de não-igualdade existente entre seus membros.

A oposição dos interesses demanda o surgimento do Estado; a divisão do trabalho de forma natural, em vez de voluntária, acaba por aumentar essa "necessidade". Lentamente, a alienação e o estranhamento surgem a partir daí: o seu fim ocorreria quando o processo (e o resultado) dessa produção não mais lhes for alheio, ou seja, quando a revolução (ou a supra-sunção da propriedade privada) acontecer e, após a mesma, o comunismo fosse instituído. Para Marx e Engels, não deveria haver um retrocesso tecnológico, nem histórico, apenas a retomada do que já foi aprendido e descoberto; assim, e apenas assim, o homem poderiam ser humanizado novamente.

Para os autores, a história traz o peso de decisões anteriores, que são uma influência ativa. Por volta dos anos 1300, com o ressurgimento e posterior expansão do comércio, percebe-se o poder e a influência dessas decisões aumentarem gradativamente, à medida que o contato entre as diferentes culturas se intensifica. A rápida expansão do conhecimento e a quebra de paradigmas que pensavam serem absolutos trouxe graves consequências para essas sociedades que se achavam soberanas. Para auxiliar nosso entendimento, Marx recapitula: como e quando a propriedade privada passa a ser sinônimo de indústria ou capital financeiro, quando antes o mesmo era associado à terras?

Algumas relações mudam entre os anos 1400 e os anos 1700, percebemos a lenta transição do sistema feudal para o sistema mercantilista e, por fim, para o sistema industrial. A Revolução Industrial ocorre impulsionada pelo capital acumulado na forma de metais nobres nesse período mercantilista, no qual ocorre a dominação do "Novo Mundo" pelo "Velho Mundo". É nesse último momento que o trabalho (por conseguinte os seus produtos e o capital) passa a ser visto como essência da riqueza e, assim, o

capital na forma de dinheiro passa a ocupar o lugar e a importância que as terras tinham até aquele momento.

Ao longo de toda a obra, Marx/Engels utilizam a história para dar suporte às suas teorias; reflexões acerca do papel da história enquanto ciência são feitas a todo momento, sendo de extrema importância para consolidarem-na diante das inúmeras discussões que surgiram no século XVIII e se arrastariam por todo o século XIX. Para Marx, a **história** (enquanto movimento histórico; enquanto sucessão de eventos ao longo do tempo) seria a eterna busca dessa condição, desse vir-a-ser. Em relação ao homem enquanto ser social e vice-versa:

"minha consciência *universal* é apenas a figura *teórica* daquilo de que a coletividade *real*, o ser social, é a figura *viva*, ao passo que hoje em dia a consciência *universal* é uma abstração da vida efetiva e como tal se defronta hostilmente a ela. Por isso, também a *atividade* da minha consciência universal - enquanto uma tal [atividade] - é minha existência *teórica* enquanto ser social." (MARX, 2004, p.107)

"A supra-sunção da propriedade privada é, por conseguinte, a *emancipação* completa de todas as qualidades e sentidos humanos..." (MARX, 2004, p. 109)

A história é fundamental para que o processo até o comunismo se concretize; já que ela deve ter como preocupação e objeto o homem enquanto ser social, assim como seu modo de vida. O presente, neste momento, está influenciando a "ciência histórica" mais do que nunca, porque seria através dele que se questionaria o passado, ele determina as questões a serem feitas. Seus estudos iniciam-se no plano das ideias em direção à ação prática, buscando uma solução para superar o sistema e chegar ao comunismo, que só seria possível através de uma revolução. Estavam diante de um momento único na história, no qual a sociedade poderia ser redefinida e modificada, dependendo do posicionamento tomado pela classe proletária e caberia, também, resgatar um passado que justificasse o presente e impulsionasse, enfim, essa revolução. A história se prova intrínseca à concretização dos objetivos de Marx e Engels; para eles, a concepção histórica e dialética dependeria

"... de nossa habilidade de expor os processos reais da produção, começando da produção material da própria vida, e de compreender a formação social vinculada com e criada por esse modo de produção (isto é, a sociedade civil em seus vários estágios), como a base de toda a história; e em mostrá-la em sua ação como Estado, para explicar todos os produtos teóricos e todas as formas de consciência, religião, filosofia, ética, etc., etc., e traçar suas origens e crescimento a partir de tais bases; por tais meios, naturalmente, o objeto todo pode ser descrito em sua totalidade (e, portanto, também a ação recíproca desses vários objetos um sobre o outro)." (FERNANDES, 1984, p.36)

Ou seja, essa concepção é **materialista** por expor os processos reais da produção, a produção material da própria vida; ela é **histórica** porque analisa a formação social, a sociedade civil em vários estágios, mostrando sua ação enquanto

Estado; por fim, é **dialética** porque possui uma estratégia de trabalho ativa, que não isola nem a investigação, nem o investigador do próprio fluxo histórico.

O papel da história é entender como a sociedade se forma e evolui através do processo real de produção (que é uma das consequências da formação das classes), analisando a influência do Estado, o surgimento das criações teóricas e das formas de consciência: seu nascimento aí reside. Na história materialista é através da *práxis* que surgem as formações ideais e, para que verdadeiras mudanças aconteçam, apenas o ocorrerá através da revolução. A história é um resultado real e material, percebido através das forças de produção e da relação homem-homem e homem-natureza; há a influência do passado, contudo a geração presente também pode mudar a realidade, pois é através dos mesmos que as mudanças e permanências são definidas: isto é chamado de fundamento real da essência do homem. Para os autores, os estudos que intentam estudar a relação entre o homem e a natureza, como o mesmo a domina, chamamos de pré-história, não incluída na história pelo motivo já dito (estudo do homem dominando a natureza buscava suas explicações nas ciências da natureza).

À história caberia contar o lado daqueles que não tinham oportunidade de fazê-lo; diferentemente das narrações que se tinha até então, que preocupavam-se em contá-la pelo lado dos líderes. E, como afirma Marx/Engels é

"essa concepção da história, comum a todos os historiadores principalmente desde o século XVIII, deparar-se-á necessariamente com o fenômeno de que as ideias que dominam são cada vez mais abstratas, isto é, ideias que assumem cada vez mais a forma da universalidade. Realmente, toda nova classe que toma o lugar de outra que dominava anteriormente é obrigada, para atingir seus fins, a apresentar seu interesse como o interesse comum de todos os membros da sociedade, quer dizer, expresso de forma ideal: é obrigada a dar às suas ideias a forma da universalidade, a apresentá-las como as únicas racionais, universalmente válidas. A classe revolucionária por já se defrontar desde o início com uma **classe**, surge não como classe, mas sim como representante de toda a sociedade; ela aparece como a massa inteira da sociedade diante da única classe dominante." (MARX e ENGELS, A ideologia alemã, p. 48-49)

Com a formação das classes há um distanciamento entre as mesmas e entre as pessoas que as compõem, e para que haja mudanças a divisão do trabalho deve ser superada através de movimentos da comunidade. A superação apenas poderá ocorrer verdadeira e totalmente se for feita e reclamada por todos; lutar sozinho torna tudo mais difícil, contudo quando a classe exige é mais fácil fazer-se ser ouvida. Fazer parte de uma classe seria lutar pelo ideal comum a todos, abrindo mão (num primeiro momento) das vontades e objetivos pessoais, mas para que ocorra a revolução devem participar como indivíduos que exigem a liberdade.

Tratando do comunismo enquanto "modo de produção", sua abordagem é trabalhar a condição do ser humano enquanto ser social sem explorá-lo, utilizando os produtos do progresso e as novas tecnologias. A produção, as forças produtivas e o

intercâmbio são coisas associadas à humanidade, e à história caberia analisar este processo: a produção, as necessidades e as carências humanas, e como foi que o ser humano lidou com as mesmas através do tempo.

## GRAMSCI: A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA DA PRÁXIS E DOS INTELECTUAIS

Para Gramsci, a **filosofia** e a **história** são duas ciências que andam lado a lado. Filosofar é pensar e o pensamento pode se enquadrar em uma de duas categorias: o pensamento hegemônico/homogêneo e o pensamento crítico.

"O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um 'conhece-te a ti mesmo' como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou uma infinidade de traços recebidos sem benefício no inventário. Deve-se fazer, inicialmente, este inventário." (GRAMSCI, p. 12, 1986)

Neste trecho, o autor expõe claramente qual a importância da história para ele. Precisamos lembrar as origens dos pensamentos anteriores e nossas heranças, mesmo as mais longínquas, para podermos desenvolver um pensamento verdadeiramente crítico. A tarefa de fazer esse levantamento ficaria a **história da filosofia**: a ela caberia explicar como se deu a evolução das correntes de pensamento. Esse estudo auxiliaria a desenvolver o pensamento crítico e, posteriormente, a **filosofia da práxis**, que é o pensar para depois agir e ainda refleti-la (a ação), ou seja, ação pensada e refletida.

Gramsci deixa claro que, para ele, a filosofia e a história são duas coisas inseparáveis. Para compreendermos o ser humano em toda a sua complexidade, a história será a ciência que mais auxiliará nessa busca. O homem é um processo de seus atos, contudo, além de sua própria individualidade, os outros homens e a natureza influenciam igualmente neste "processo" que é o ser humano. Esses outros dois aspectos são importantes porque o homem determina seu meio (bem como é influenciado por ele) e, até certo ponto, também é produto de suas relações sociais; como tais relações estão sempre em mudança, eis porque o ser humano é um **processo** e apenas se consegue explicar a natureza humana através da história. Contudo, outras ciências podem e devem ser utilizadas para apoiar a história (antropologia, filosofia, teologia...).

Ao fazer um pequeno levantamento sobre a evolução das diferentes formas de pensar e perceber o indivíduo, o autor demonstra os problemas de utilizar apenas uma ideologia dominante (mostra a que demanda atende esse tipo de ideologia) em vez do desenvolvimento de um pensamento crítico particular à cada um. Quando o pensamento dominante é elaborado, ele intenta atender à demanda das classes dominantes e hegemônicas pregando exatamente o oposto, ou seja, de que não deve haver separação de classes, e de que todos são iguais e possuem os mesmos direitos. Então para que uma ideologia seja pensada para atender verdadeiramente aos interesses das massas, os

intelectuais devem surgir desse meio, devem ser orgânicos a essa causa desde o princípio.

"A filosofia de uma época histórica, portanto, não é senão a 'história' dessa mesma época, não é senão a massa de variações que o grupo dirigente conseguiu determinar na realidade precedente: neste sentido, história e filosofia são inseparáveis, formam um 'bloco'." (GRAMSCI, 1986, p. 32)

A separação entre teoria e prática: por exemplo, entre trabalhadores braçais e sacerdotes em determinadas culturas como a egípcia, foi uma "invenção" dos mesmos sacerdotes/intelectuais. Os dominantes da sociedade pregam que as massas não servem para teorizar, apenas para praticar, cabendo aos "seres superiores", os intelectuais, a parte de pensar e idealizar. É uma das justificativas que Gramsci utiliza para mostrar a importância dos partidos políticos, pois podem aumentar a possibilidade de que isso ocorra, de que surja um pensamento intrínseco às razões do operariado nesse meio. Quando essa ideologia das massas se sobressai é quando os mesmos tomam consciência de que também são agentes históricos e detêm poder de decisão acerca de seus destinos.

Cada grupo de intelectuais possui uma história própria, sendo, também, associados aos respectivos grupos sociais dos quais surgem. Os intelectuais deveriam ser orgânicos à sua causa, mesmo que, geralmente, os intelectuais da ordem dominante tenham origem nas classes menos abastadas. Este é um dos motivos pelo qual a classe trabalhadora demoraria a tomar "consciência" do lugar que ocupam: seus intelectuais demoram a surgirem e permanecerem no meio em que nascem. Mesmo que as ideologias dominantes surjam e prevaleçam e que elas preguem que apenas alguns podem/devem exercer a função de intelectuais, todos o são capazes, já que filosofar é pensar: "todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais." (GRAMSCI, 1985, p. 7). Para aqueles que não exercem a função de intelectuais na sociedade lhes é fornecido um mínimo de conhecimento técnico e intelectualizado, já que mesmo minimamente, de alguma maneira todas as profissões necessitam de instrução.

Aplica-se tranquilamente, por exemplo, a dualidade qualidade *versus* quantidade, onde muitos trabalham para que uma minoria possa ter acesso a um estudo bem qualificado; novamente, com o elevado nível de especialização, bem como a ausência de pessoas qualificadas (em alguns casos) e excessos em outros, acaba formando-se um ciclo permanente de pessoas que estão desempregadas. Assim, os estudos históricos são importantes para descobrirmos que camadas estiveram à frente desse processo de formação de intelectuais; de que maneira e com que objetivos a escola surge.

Tipos diferentes de escolas foram pensados para atender às "diferentes demandas" dos níveis sociais: aos civis "comuns" e aos políticos. Os intelectuais exercem a função de "ponte de ligação" entre um segmento e outro; pois obedecem aos desejos da classe soberana e colocam em prática mecanismos para manter as classes trabalhadoras sob controle do Estado e desses políticos. E da mesma forma que existem as grandes massas civis, haverão massas de intelectuais para atenderem à demanda

dessa classe que precisa apenas da instrução mínima e básica para exercerem suas funções de dominados no sistema.

Desta forma, os intelectuais são fundamentais para que o processo de superação desse sistema capitalista aconteça, e mesmo que o comunismo possa não ser a melhor saída ou alternativa, eles também são fundamentais para proporem e pensarem em algo que seja melhor para a sociedade.

## THOMPSON E O DESENVOLVIMENTO DA HISTÓRIA "VISTA DE BAIXO"

Os estudos thompsonianos provam tudo o que Marx já havia percebido sobre a alienação e o estranhamento. Sua principal obra trata dos anos de 1790-1840 da perspectiva dos de baixo; neste caso, da classe operária, especificamente a inglesa. No início, já fica claro qual será o objeto e os objetivos de seu estudo: estudará essa classe e como se deu seu processo de formação, como a classe adquiriu consciência do lugar que ocupa na sociedade e lutou para melhorá-lo e exigiram seus direitos.

*"Fazer-se, porque é um estudo sobre um processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos. A classe operária não surgiu tal como o sol, numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio fazer-se. (...) Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma "estrutura", nem mesmo como uma "categoria", mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas". (THOMPSON, 2011, p. 9-10).*

No primeiro volume, a origem do "movimento operário", se é que o podemos chamar assim nesse momento, é esclarecida. Nele podemos perceber algumas das principais características que acabariam por aproximar estas pessoas; os motivos iniciais que levaram, com o passar do tempo, à formação de uma classe. Por exemplo, a fundação da Sociedade Londrina de Correspondência e as inúmeras dissidências do anglicanismo, religião oficial da Inglaterra. Outras reminiscências dos costumes que possuíam ainda quando viviam no campo são citadas, estas mesmas ainda permaneceriam, de alguma forma, presentes no dia-a-dia dos operários.

No segundo volume, escreve sobre as mudanças às quais os trabalhadores são submetidos quando adentram esse novo sistema e o padrão de vida que passam a possuir é apontado: a exploração que sofreram é generalizada, bem como o choque que tinham à medida que chegavam dos campos para a cidade. Algumas das mudanças mais importantes e que mais incitavam os trabalhadores a não se satisfazerem com aquela condição são ilustrados. Esta piora no padrão de vida se fez perceber na rotina desses trabalhadores. No que diz respeito ao consumo, por exemplo, a batata vai ser utilizada para substituir o pão, já que o trigo estava sendo insuficiente para a enorme demanda, que continuava a crescer; bem como a substituição da cerveja pelo chá. Esses dois itens



(pão e cerveja) constituíam a base alimentar dessas pessoas desde muito tempo e as lutas para mantê-los são igualmente antigas.

No terceiro volume, mais especificadamente no último capítulo desse, Thompson mostra os fatores que contribuíram para que a classe tomasse consciência de si e de seu lugar no mundo; bem como as "lentas" reações e movimentações que começaram a ocorrer à medida que a classe toma consciência de si. Por exemplo, o fator cultural: através dos inúmeros periódicos e jornais e folhetos que circulavam na época, e suas leituras em voz altas nos espaços destinados à isso foi um dos fatores (importante não esquecer que muitos sabiam ler devido às escolas, mesmo que não fossem na forma que conhecemos hoje).

Em sua obra, de maneira geral, Thompson afirma que essa foi "apenas" uma tentativa de resgatar aqueles que haviam sido deixados de lado pela historiografia oficial. Nela podemos perceber claramente a resistência desses trabalhadores em não se deixarem abater pelo sistema, mesmo quando o mesmo os esmagava brutalmente e apenas o mínimo para que sobrevivessem era o que recebiam.

Através da obra percebe-se que, para ele, a importância da história está no fato de que o mundo está em constante mudança. E através do tempo, podemos perceber as permanências e as mudanças que ocorrem conforme as escolhas que os homens e/ou a sociedade fazem. Neste caso, como o passado e as experiências vividas no presente se entrelaçaram e alteraram o rumo da história; pudemos perceber sua importância e como a união das pessoas conseguiram nos deixar as provas disso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalhar com estes autores, sinto-me cada vez mais compelida a estudar; estudar para tentar encontrar uma explicação satisfatória para tamanha desigualdade no mundo. Temo que não conseguirei fazê-lo. Todos possuem pontos convergentes acerca da importância de estudar história e baseando-me nas leituras realizadas, tentarei, pouco a pouco, elaborar minha própria concepção do que é a ciência História e complementá-la em estudos posteriores.

Marx/Engels foram os autores que mais me incitaram a questionar como foi que as classes dominantes e o sistema vigente conseguiram impor-se perante todo o resto da sociedade, que compõem a grande maioria, de uma forma que essa grande massa acabou por não perceber que perdeu-se neste processo. De acordo com os autores utilizados, creio que esse processo de dominação fica compreendido entre 5000 a. C., com o surgimento da propriedade privada, até os dias de hoje. A história auxilia a percebermos como se dá a evolução do homem em todos os aspectos, como ele domina tudo o que o cerca, inclusive uns aos outros.

De certa forma, as três concepções de história se complementam. Diria que a de Gramsci é a que deveria ser mais utilizada, inclusive pelos próprios intelectuais: utilizada como mecanismo para percebermos como se deu essa apropriação e ao fazê-lo, descobrir meios de superá-la. Através dos estudos históricos que poderemos ter as ferramentas para mudar o mundo no tempo presente. Igualmente é o autor que ressalta o

papel do professor e da escola para isto, sendo extremamente instrutivo para qualquer profissional da área de educação.

Thompson, para mim, foi quem melhor escolheu e analisou um caso específico de alienação e estranhamento num espaço relativamente pequeno de tempo, que será o processo de formação da classe operária inglesa. Qualquer pessoa há de se chocar com a realidade que o autor retrata e a dificuldade com que as pessoas viviam: era, realmente, viver para trabalhar e trabalhar para sobreviver.

## BIBLIOGRAFIA

FERNANDES, Florestan. **Marx e Engels: história**. São Paulo, Ática, 1984 (Coleção Grandes Ciências, volume 36).

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1986.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo, Boitempo editorial, 2007.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo, Boitempo editorial, 2004.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. São Paulo, Paz e Terra, 2011 (Volume 1).

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão**. São Paulo, Paz e Terra, 2012 (Volume 2).

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores**. São Paulo, Paz e Terra, 2012 (Volume 3).

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.